

PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO IFES SOBRE A ADOÇÃO DE UM AVA PARA AS PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renato Pereira Aurélio¹

¹IFES/CEFET-MG, e-mail: renatoaureliomg@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo objetiva discutir a adoção de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para as práticas de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – campus Montanha, tendo em vista a utilização da educação a distância (EaD) e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como suporte para o ensino presencial. Partindo de uma abordagem qualitativa, são analisados alguns pontos das entrevistas realizadas com professores deste componente curricular no Ifes, em 2017. Verificou-se que os docentes já adotam práticas que os insere no contexto da cibercultura e ainda, que são favoráveis à adoção de um AVA como base para o ensino de LP, resguardados os devidos cuidados com os alunos de nível médio.

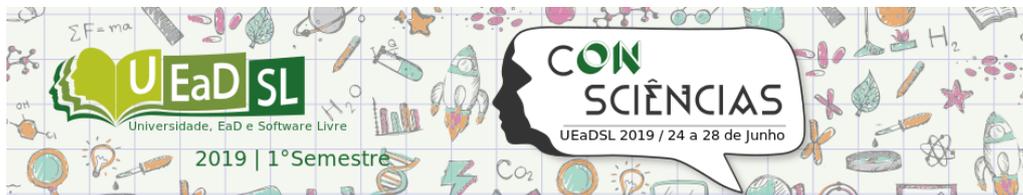
Palavras-chave: EaD; AVA; TDIC; Língua Portuguesa; Institutos Federais.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados parciais da pesquisa de doutorado¹ que se encontra em andamento no Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Montanha. O estudo gira em torno do uso da educação a distância (EaD) e das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) como dispositivos complementares ao ensino presencial em cursos da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio (EPTNM).

A partir da experiência pessoal, dos subsídios da literatura sobre o assunto, bem como da legislação vigente, verificou-se que tais aspectos podem corroborar a implementação de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) vinculado às práticas

¹ O autor é aluno do Doutorado em Estudos de Linguagens do Posling (CEFET – MG).



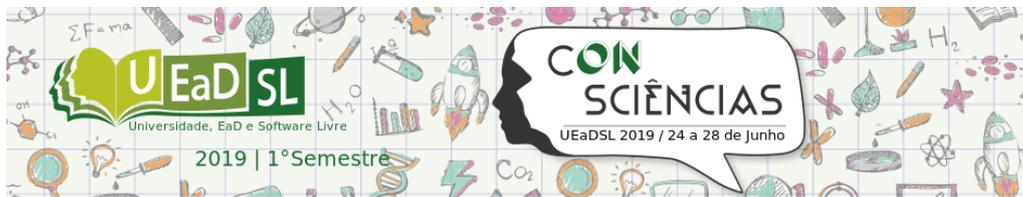
do componente curricular Língua Portuguesa, sob a hipótese de geração de benefícios como a criatividade, a cooperação, a autonomia, a aprendizagem e a interação aluno-aluno e aluno-professor na sala de aula e no espaço virtual.

Nas etapas da pesquisa qualitativa (em andamento), adotou-se a perspectiva do Design Thinking (BROWN, 2008) com foco na prototipagem e no Design Centrado no Ser Humano (KRIPPENDORFT, 2000), a fim de se propor um AVA, cujas interfaces pudessem ser concebidas, testadas e avaliadas com a participação dos próprios usuários (professores, alunos e especialistas), sob o ponto de vista dos Sistemas Adaptativos Complexos (PALAZZO, 1999). O foco² dessa discussão incidirá sobre resultados das entrevistas realizadas com os professores de Língua Portuguesa, um dos grupos de sujeitos da pesquisa, sobre a adoção de um ambiente virtual de aprendizagem para suas práticas. O que corresponde à fase de imersão do Design Thinking (VIANNA, 2012).

2. Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)

Com o desenvolvimento da internet e das tecnologias digitais de informação e comunicação os professores passaram a disponibilizar os materiais dos componentes curriculares ministrados através de e-mails, grupos de discussão ou páginas pessoais na web, estabelecendo a comunicação com os alunos fora da sala de aula presencial, aparentemente de maneira dispersa. Mas a partir do surgimento dos AVAs e com o desenvolvimento da cibercultura (LÉVY, 1999), os docentes enxergaram a possibilidade de disponibilizar, de forma organizada, documentos e links para sites ou vídeos em um só espaço. Do mesmo modo, verificaram a produtividade da comunicação através de fóruns, mensagens e outros recursos (NOBRE, FÁVERO e PASSOS, 2017, p. 67).

² Em 2017 apresentei o artigo “A Teoria da Complexidade e o Design Thinking como dispositivos para a adoção de um AVA para as práticas de Língua Portuguesa no Ifes – campus Montanha” no V Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (SENEPT - 2017), em que foi apresentada a fundamentação sobre Design Thinking, Design Centrado no Ser Humano e Sistemas Adaptativos Complexos. O texto está no prelo, aguardando publicação como capítulo de e-book.



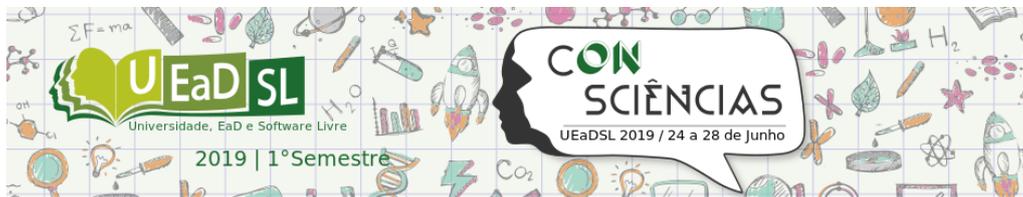
Para Barros e Carvalho (2011, p. 214) os ambientes virtuais de aprendizagem constituem-se como “espaços eletrônicos construídos para permitir a veiculação e interação de conhecimentos e usuários. Esses ambientes são chamados de Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem (do inglês: Learning Management Systems – LMS)”. Marinho e Barbosa (2017) afirmam que no Brasil a expressão e a sigla mencionadas foram substituídas por outras equivalentes. A saber: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

A utilização do AVA, a partir do acesso ao repositório de conteúdos, ferramentas e atividades, pressupõe uma análise didático-pedagógica, já que o objetivo é a construção de conhecimentos (FERNANDES JÚNIOR, ALMEIDA e OLIVEIRA, 2017). Inseridos no universo do ciberespaço, os AVAs permitem uma postura autônoma e colaborativa, com interfaces que podem favorecer a aprendizagem através da interatividade dos seres humanos com os objetos técnicos e da interação entre os usuários em uma sala virtual (BEHAR, 2009). Constituem-se, portanto, novos espaços de significação, em que se deve favorecer a abertura e o reconhecimento das competências dos indivíduos que compõem as chamadas comunidades de destino (BOSSI, 1987).

3. Implicações do Modelo Pedagógico e da Arquitetura Pedagógica em Educação a Distância

As diversas instituições estabelecem modelos pedagógicos para EaD, muitas vezes de forma superficial ou mais aprofundada. Para Behar (2009), um modelo pedagógico voltado para a EaD deve ser constituído como um sistema de premissas teóricas capazes de explicar e orientar a forma de abordagem do currículo que se materializa nas práticas pedagógicas e nas interações entre professor, aluno e objeto. É visto, ainda enquanto um recorte multidimensional das variáveis participantes e dos seus respectivos elementos, de modo que esse modelo deve se estabelecer sobre um determinado paradigma, a partir de uma ou mais teorias da aprendizagem.





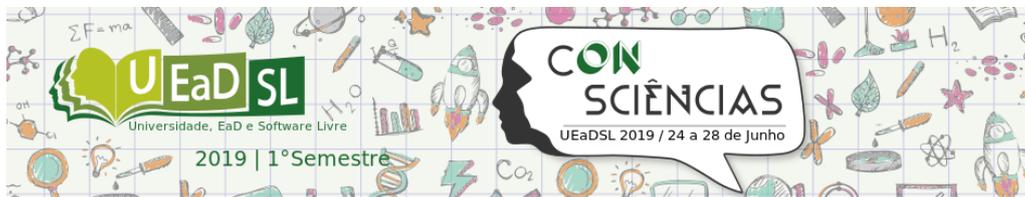
Ao discutir sobre a Arquitetura Pedagógica para a EaD Behar (2009) aponta a necessidade de definição dos aspectos organizacionais, metodológicos, de conteúdo e tecnológicos. Outro ponto fundamental diz respeito à verificação da experiência do público-alvo com as TDICs, que determinará a necessidade ou não de formação tecnológica para os envolvidos. Em se tratando de propostas de apoio para o ensino presencial, em muitos casos, a iniciativa dos docentes correspondem ao primeiro contato dos alunos com o uso da EaD e das ferramentas tecnológicas voltadas para o ensino e a aprendizagem.

Havendo ou não um modelo pedagógico institucional explícito³, é fundamental que o professor coloque em prática as estratégias de aplicação das APs, que refletem um diferencial no processo de ensino e aprendizagem, por considerar os aspectos afetivos e pessoais dos pares em uma prática que envolva EaD. Essas estratégias variam de professor para professor, constituindo a dinâmica do modelo pedagógico (BEHAR, 2009). A saber, “um ato didático que aponta à articulação e ao ajuste de uma arquitetura para uma situação de aprendizagem determinada (turma, curso, aula). (...) um plano que se constrói e reconstrói mediante processos didáticos permeados pelas variáveis educativas que dão o caráter multidimensional ao fenômeno” (BEHAR, 2009, p. 31).

4. Metodologia

Para a abordagem qualitativa, vertente que subjaz a esse estudo, a ação dos indivíduos é orientada por crenças, valores e sentimentos, de modo que o comportamento está sempre permeado por sentidos e significados muitas vezes

³ No Ifes, temos o Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (CEFOR), que possui vasta experiência na oferta de cursos de níveis médio e superior na modalidade EaD, além de formação para os profissionais da instituição e da comunidade externa. Através da Coordenadoria Geral de Tecnologias da Informação (CGTI), o Cefor oferece toda infraestrutura e apoio aos profissionais que desejarem propor ações voltadas para a EaD. Para este estudo, por exemplo, tem havido pleno atendimento às demandas encaminhadas durante as etapas de coleta e análise de dados.



implícitos, passíveis de serem conhecidos com base na investigação, de cuja realidade o pesquisador faz parte na perspectiva de uma ética de classe (GADOTTI, 1995). A pesquisa qualitativa utiliza como material empírico o texto “(em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo” (FLICK, 2009, p. 16).

Na fase exploratória, que se iniciou em 2017, os 04 professores que lecionavam Língua Portuguesa na instituição foram convidados a participarem de entrevistas⁴ (LÜDKE e ANDRÉ, 1986), a fim de se verificar a viabilidade de criação de um AVA para as práticas envolvendo a disciplina. Devido ao tempo disponível conforme a carga-horária de cada docente, a maior parte da entrevista foi realizada de maneira online (FLICK, 2013), através de um roteiro construído com a ferramenta *google docs* e suporte para esclarecimentos via *whatsapp*. Acredita-se que as informações prestadas pelos profissionais, aliadas ao levantamento documental constituiriam uma espécie de prelúdio (ou termômetro) no que se refere às experiências e receptividade para com a adoção da EaD como suporte ao ensino presencial.

5. Análise e discussão

Verificou-se a influência da cibercultura, que possibilita aos indivíduos a interconexão em rede através do ciberespaço (LÉVY, 1999). A despeito da formação para o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação, todos os 04 professores informaram que já fizeram algum curso nessa área. Em seguida, quando questionados sobre o uso de ferramentas digitais no cotidiano da sala de aula, assim se manifestaram:

⁴ O roteiro de entrevistas é composto por vinte e dois itens, além da identificação. Devido aos objetivos desse recorte, bem como às normas do evento sobre a extensão do texto, serão apresentados os dados de três quesitos. O que parece atender à proposta.

Ferramentas digitais de interação	Adeptos	Percentual
Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	01	25%
Blog	03	75%
Fórum	01	25%
Chat	0	0%
Wiki	0	0%
Videoconferência	1	25%
E-mail	04	100%
Facebook	0	0%
Youtube	03	75%
Buscador (google)	03	75%

Quadro 1: Utilização de ferramentas digitais de interação na prática docente

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que apenas um professor utiliza o AVA, objeto dessa investigação. Facebook, Chat e Wiki são irrelevantes para a prática dos docentes. E-mail, Youtube, blog e o site de buscas google, por sua vez, aparecem como os mais utilizados em termos pedagógicos. Os docentes foram arguidos a respeito de se a concepção de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) poderia colaborar com as práticas de Língua Portuguesa, com ênfase em Leitura e Produção Textual nesta instituição, de maneira que se posicionaram de forma empática:

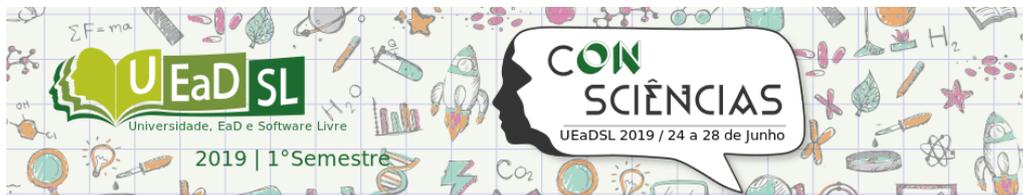
Professor 1: “Sim, dá pra explorar de forma profunda toda estrutura e construção textual”.

Professor 2: “Sim. A questão da leitura e da produção textual é muito importante para o desenvolvimento dos alunos. a implementação do AVA e seu aprimoramento colaborará com tudo isso”.

Professor 3: “Tenho ainda dúvidas quanto ao ensino aprendizagem a distância para alunos do Ensino Médio. Mas acredito que essa modalidade de ensino pode ser uma boa alternativa de educação de qualidade”.

Professor 4: “Com certeza. Isso despertará um interesse maior nos alunos, pois eles irão estudar via internet, algo que faz parte do cotidiano deles. As produções textuais poderão ser feitas via fórum, o que exercitará a criatividade, a leitura e a capacidade de produzir um texto coeso e coerente”.

Os dois primeiros sujeitos apontam para o potencial do uso do AVA para o trabalho com leitura e produção de textos, ao colaborar com o desenvolvimento dos alunos. O terceiro docente mostra-se duvidoso sobre a aplicação da educação a distância à Educação Básica, no caso, o Ensino Médio, apesar de acreditar ser uma boa



alternativa. Tais manifestações revelam a voz dos participantes, que ecoa do ambiente natural da sua atividade: a prática docente (FLICK, 2009). O que permite aferir, por um lado, a viabilidade da proposta de adoção do AVA e, por outro, a necessidade de uma análise didático-pedagógica sobre sua pertinência, características e abrangência (FERNANDES JÚNIOR, ALMEIDA e OLIVEIRA, 2017).

Salienta-se que o estudo, conforme conversado com os professores e aqui demonstrado, não consiste na sugestão de transposição do ensino presencial para a EaD. Trata-se de uma proposta de alinhamento entre as duas modalidades, no âmbito do componente curricular Língua Portuguesa. Na sequência, os docentes apontaram as possíveis dificuldades na implementação da proposta.

Professor 1: A falta do contato físico.

Professor 2: O fator grade curricular pode bloquear o andamento das aulas do professor mais tradicional.

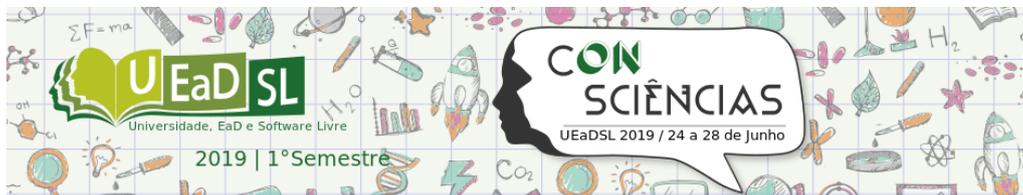
Professor 3: A falta de compromisso dos alunos e a pouca formação dos professores para atuar nessa modalidade de ensino.

Professor 4: O acesso ao AVA quando os alunos estiverem em casa, já que muitos não dispõem de uma boa conexão quando saem do Instituto ou até mesmo moram em lugares que não têm acesso à Internet.

Observa-se que o Professor 1 é categórico ao apontar que a ausência do fator presencial poderia constituir uma dificuldade. Entretanto, sendo uma ação complementar ao trabalho cotidiano em sala de aula, pressupõe-se que as orientações nesses momentos presenciais podem sanar as dificuldades. O Professor 2 levanta uma importante um ponto de caráter administrativo e pedagógico: a questão da grade curricular. Certamente pela própria experiência nos cursos da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio, em que os alunos chegam a cursar 18 disciplinas por semestre, somadas as do núcleo comum, parte diversificada e disciplinas técnicas.

O Professor 3 destaca a falta de compromisso dos discentes e a baixa experiência





dos docentes com a modalidade EaD como fatores críticos. De fato, é necessário lidar com estes aspectos como forma de tornar uma experiência significativa, especialmente no caso dos alunos, que podem mesmo não dispor de serviço de internet em suas residências, dificultando o acesso ao AVA, como indica o Professor 4. As demandas apresentadas relacionam-se à definição da organização, metodologias, conteúdos e aspectos tecnológicos, integrantes da Arquitetura Pedagógica. São aspectos que subjazem à adoção do modelo pedagógico pessoal de EaD (BEHAR, 2009), tendo em vista as adaptações, contribuições e limitações envolvidas em sua utilização como suporte ao ensino presencial.

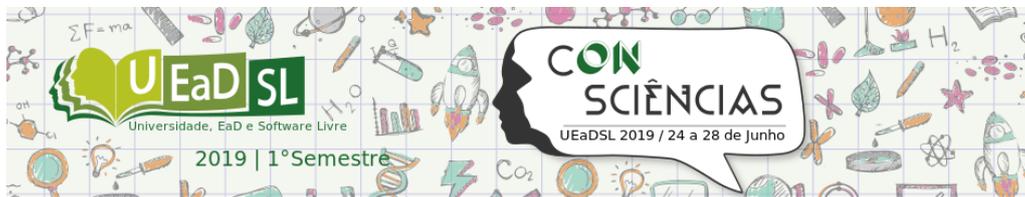
6. Conclusão

Nas pesquisas e leituras realizadas é possível observar que muitas instituições têm procurado realizar experiências com o uso da EaD e das TDICs como suporte ao ensino presencial na Educação Básica. Essa discussão estabeleceu-se sobre a viabilidade de tal iniciativa para os cursos da Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio (EPTNM). De forma mais específica, envolvendo a disciplina Língua Portuguesa no Ifes – Campus Montanha.

Tendo em vista a versatilidade dos ambientes virtuais de aprendizagem, nos quais é possível realizar atividades de maneira síncrona ou assíncrona, observou-se que existe o interesse por parte dos sujeitos da pesquisa quanto a adoção em sua prática docente. O que pode significar ganhos para os processos de ensino e aprendizagem, já que o AVA constitui-se como um espaço digital para a interação dos participantes através da interatividade com as ferramentas e materiais ali disponibilizados.

No recorte dessa abordagem, observou-se que os professores alinham-se aos preceitos da cibercultura por terem formação para o uso das TDIC e por já integrarem ferramentas digitais de interação na prática docente, a exemplo do e-mail, do fórum, das redes sociais e do AVA. Todos os entrevistados aprovam a ideia





de se usar o ambiente virtual de aprendizagem, sendo necessário refletir sobre as adequações para o público da EPTNM, através de uma análise didático-pedagógica (FERNANDES JÚNIOR, ALMEIDA e OLIVEIRA, 2017), bem como da mobilização de um modelo pedagógico pessoal de EaD, a partir dos elementos da Arquitetura Pedagógica presentes no perfil institucional.

Referências

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem.** In: Sousa, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena da M. C da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Orgs). Tecnologias digitais na educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

BEHAR, Patrícia Alejandro. **Modelos pedagógicos em educação a distância.** Alegre: Artmed. 2009.

BOSSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

BROWN, T. **Design Thinking.** Harvard Business Review, Cambridge, v. 86, n. 6, p. 84-92, Jun. 2008.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Aos leitores.** In: Gadotti, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Pedagogia: diálogo e conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

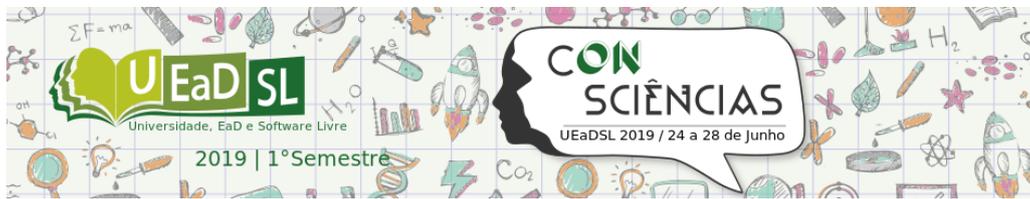
KRIPPENDORFF, K. **Design centrado no ser humano: uma necessidade cultural.** Estudos em Design, v. 8, n. 3, p. 89-98, set. 2000, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://periodicos.anhemi.br/arquivos/Hemeroteca/Periodicos_MO/Estudos_em_Design/107170.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

PALAZZO, L.A.M. **Complexidade, caos e auto-organização.** 1999. Disponível em:





<<http://ia.ucpel.tche.br/publica.html>>. Acesso em 15 jun 2019.

VIANNA, Maurício. et al. **Design Thinking**: inovação em negócios. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.

